



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 129/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

NOVAS ADESÕES AO NACIONALISMO

Grupos empresariais, e mesmo entidades de representação industrial, surpreendentemente, assumem posturas nacionalistas e começam a cobrar do Governo medidas restritivas, protecionistas, em relação à invasão de produtos e investimentos chineses no Brasil.

Nunca, desde tempos remotos, de Roberto Simonsen no Senado e de Fernando Gasparian na Confederação da Indústria, se tinham lido ou escutado manifestações desse tipo no Brasil. Não que industriais brasileiros não sentissem o peso descomunal da concorrência desigual por parte de empresas estrangeiras, européias e, principalmente, norteamericanas. O dogma liberal, todavia, ao qual, por princípio, deviam obediência, não permitia que eventuais queixas discretas e individualizadas se transformassem em posições políticas da classe. Tanto mais que as representações de outros setores do capitalismo crioulo, os bancos (protegidos), o comércio (associado ao estrangeiro) e o agronegócio (não ameaçado) mantinham forte o coro do cantochão liberal, enquanto aos industriais restava as alternativas, bem lucrativas, de associação ou, em último caso, de venda para o estrangeiro.

Assim se passaram as décadas do grande surto de industrialização do Brasil, dos anos quarenta ao início dos oitenta do século passado, crescendo nossa indústria, quase inexistente, até ser a maior e mais diversificada da América Latina, sob a proteção e estímulo do Estado (nos períodos civil e militar), e até mesmo favorecimento substancial e aberto através dos financiamentos do BNDE, frontalmente contra o catecismo empresarial. Fingiam, entretanto, nossos industriais, que eram liberais, que professavam o credo alardeado pelo líder dos seus economistas, o velho professor Eugênio Gudim, mesmo depois de morto. Havia vozes contrárias isoladas, como a de Fernando Gasparian, que mencionei, apoiadas em surdina por algumas figuras de destaque no setor, sem chegar, entretanto, a arrancar as posições oficiais das chamadas “classes produtoras”, todas eminentemente ligadas ainda nas velhas teses do Visconde de Cairu, o abridor dos portos.

Lembro-me de que, no fim dos cinquenta e início dos sessenta, fui nomeado, por Gasparian, membro do Conselho Consultivo da Confederação Nacional da Indústria, que dava pareceres sobre projetos de lei ou de decretos em tramitação ou estudo. Oh, meu Deus! Como me lembro, dos comentários e dos olhares, ora reprovadores ora condescendentes, dos meus “colegas” conselheiros tão sábios, obrigados a aturar no seu meio aquele jovem e insensato “comunista” que vivia querendo proteger a indústria nacional e limitar as remessas de lucros para fora. Eram pessoas educadas, incapazes de um desrespeito, professores, Mário Ludolf, uma espécie de decano do Conselho, Garrido Torres, que depois veio a ser presidente do BNDE, Geraldo Street, acho que filho do grande industrial Jorge Street, Arthur César Ferreira Reis, intelectual de renome, grande defensor da Amazônia, e outros, todos figuras de relevo na sociedade que, de certo, não entendiam bem o que fazia eu ali naquele Conselho, nem o que fazia Fernando Gasparian na presidência da CNI.

Depois veio o período verdadeiramente neoliberal dos anos noventa até 2002, com a quebra geral e a venda em massa de fábricas brasileiras para empresas multinacionais. Não me lembro de ter escutado protestos relevantes vindos do nosso empresariado. Era a modernidade, admitiam, eles reconheciam que não tinham competitividade, viviam do protecionismo, era o que dizia a mídia todo dia, e era melhor que caíssem fora do setor produtivo, vendessem seus ativos para grupos mais competentes e aplicassem o resultado no mercado financeiro, que rendia horrores, e fossem gozar a vida. Em Miami, por exemplo.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 129/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

Mas o furacão do neoliberalismo passou, o que restou da indústria nacional voltou a respirar um pouco, a indústria naval, por exemplo, aqui do Rio, que estava praticamente morta, foi ressuscitada pela Petrobrás, que voltou a ser uma estatal brasileira. E então apareceu um novo monstro: os chineses, vendendo tudo a preço de banana, e comprando terras e minas adoidado.

A nova ameaça é muito mais perigosa, porque não dá oportunidades de negócio, não é possível associar-se com ela e ganhar um bom dinheiro: o proprietário é o Estado Chinês. Trata-se de uma economia socialista, que abre alguns espaços para empresas estrangeiras mas mantém seguro o comando de todo o sistema, inclusive de suas empresas nominalmente privadas, verdadeiramente estatais, que estão comprando terras e minas para garantir o suprimento futuro dos chineses em matéria de minérios e alimentos. Mas que podem, amanhã, se suas compras atingirem um volume suficiente para dominarem os mercados, baixar artificialmente os preços de minérios e alimentos em favor dos interesses chineses, que comandam esse processo.

E a dominação chinesa é uma perspectiva que realmente se abre no horizonte. Já têm a segunda economia e terão em breve a primeira. Possuem, de longe, as maiores reservas cambiais do mundo; seus bancos já são os maiores, a Petrobrás escolheu um deles para fazer o lançamento internacional de suas novas ações. Sua economia continua sendo a que mais cresce, seu progresso em ciência e tecnologia começa a desbancar o gigantesco parque universitário-empresarial americano, e os chineses cada vez mais mostram um nível de eficiência que supera o de qualquer outra nação do planeta.

Então veio a grita. Tinha que vir, e virá cada vez mais forte. Nunca antes, contra americanos, seria xenofobia, mas, sim, contra os chineses, muito perigosos, porque irredutivelmente nacionalistas; além de socialistas.

Bem, finalmente estou de completo acordo com eles, e eles comigo. Imagino-me hoje conselheiro da CNI, recebendo apoio sincero nos meus votos e nas minhas opiniões, olhares aprovadores dos respeitáveis colegas. Finalmente. Todos, unanimemente, aplaudindo o decreto do Governo que limita a aquisição de terras a 100 módulos em qualquer região do Brasil. Todos esperando limitações também sobre as minas brasileiras. Unanimemente, Viva!

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br